

DA NEGRITUDE À REALIDADE DO NEGRO NOS POEMAS DE AGOSTINHO NETO E GERALDO BESSA VICTOR

DE LA NEGRITUD A LA REALIDAD DEL NEGRO EN LOS POEMAS DE AGOSTINHO NETO Y GERALDO BESSA VICTOR

FROM BLACKNESS TO THE REALITY OF THE NEGRO IN THE POEMS OF AGOSTINHO NETO AND GERALDO BESSA VICTOR

*Salvador B. Domingos TITO**

Resumo: A negritude foi um ideal bastante importante nas literaturas africanas de expressão portuguesa. Esta literatura nasce do contacto entre duas culturas, a africana e a portuguesa. Assim, enquanto desenvolvidas, as literaturas africanas lusófonas assumiram diversos papéis, dos quais, serviram para contestar os males horrendos, causados maioritariamente pelo colonialismo, e ainda para apresentar a realidade penosa do negro. O presente artigo teve como intuito explicar a trajetória da negritude enquanto movimento literário, circunscrevendo o seu percurso nas literaturas africanas de expressão portuguesa, de modo particular na literatura angolana. Deste modo, para que se constatasse a real situação do negro foram analisados os poemas de dois escritores angolanos, Agostinho Neto e Geraldo Bessa Victor. Porém, a realização da análise dos poemas permitiu verificar como os dois autores que se revestiram do espírito da negritude, exprimem a realidade do homem negro.

Palavras-chave: Negro; negritude; realidade; Agostinho Neto; Geraldo Bessa Victor.

Resumen: La negritud fue un ideal muy importante en la literatura de África de expression portuguesa. Esta literatura ha surgido del contacto entre dos culturas, la de África y la portuguesa. Pero, que de enquanto desarroyada, la literatura de África de expression portuguesa ha assumido distintos papeles, de los cuales han servido para contestar a los males horrorificos, causados mayoritariamente por el processo de colonizacion y, todavida para describir la realidad penosa del negro. El presente articulo hatenido la preocupacion de explicar la trayectoria de la negritud encuanto movimiento literario, escribiendo su percurso en la literatura de Africa de expression portuguesa, de forma particular en la literatura angoleña. Por lo tanto, para que conste la situación real del negro, han sido analisados poemas de dos escritores angoleños: Agostinho Neto e Geraldo Bessa Victor. Todavía, la analisis de los poemas ha permitido verificar como los dos escritores, que se han revestido del espiritu de la negritud, describen la realidad del hombre negro.

Palabras clave: Negro; negritud; realidad; Agostinho Neto; Geraldo Bessa Victor.

* Mestre em Estudos Lusófonos na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. E-mail: salvadortito2009@hotmail.com.

Abstract: Negritude was a very important ideal in the African literature of Portuguese expression. This literature is born of the contact between two cultures, the African and the Portuguese. Thus, while developed, Lusophone African literatures took on several roles, of which, they served to counteract the horrendous evils, caused mainly by colonialism, and also to present the painful reality of the Negro. The purpose of this article was to explain the trajectory of negritude as a literary movement, circumscribing its course in African literature of Portuguese expression, particularly in Angolan literature. Thus, in order to verify the real situation of the Negro, the poems of two Angolan writers, Agostinho Neto and Geraldo Bessa Victor, were analyzed. However, the analysis of the poems allowed us to verify how the two authors who took on the spirit of blackness express the reality of the blackman.

Keywords: Black; blackness; reality; Agostinho Neto; Geraldo Bessa Victor.

Introdução

O propósito deste artigo é, em primeiro lugar, elucidar o percurso que a negritude teve, a sua chegada ao espaço francófono até as zonas limítrofes da África Lusófona, lugar onde se desenvolveram as literaturas africanas de expressão portuguesa; e, em segundo lugar, apresentar a realidade do negro nos poemas de dois autores angolanos, Agostinho Neto e Geraldo Bessa Victor.

Para que se descrevesse a situação real do negro foram delimitados três poemas “O menino negro não entrou na roda” e “A lua, não!” da autoria de Geraldo Bessa Victor e “Velho negro” de Agostinho Neto.

Os dois poetas angolanos, Agostinho Neto e Geraldo Bessa Victor (doravante Neto e Bessa Victor), formam um importante pilar para a literatura angolana. O primeiro “é natural do Bengo, Kaxikane, nascido em 1922 e faleceu em 1979 na antiga União Soviética (Rússia)” (FERNANDO CRISTÓVÃO *et al.*, 2005, p. 30-31). Representa uma grande figura em Angola, não só como poeta, mas como o primeiro presidente angolano. Das obras publicadas destaca-se “Sagrada Esperança” (1974), que tem merecido tradução em diversas línguas. Bessa Victor nasceu em Luanda em 1917 e faleceu em Portugal em 1990. Como escritor foi poeta e ensaísta; desempenhou ainda a atividade de jornalista. Fez os estudos liceais em Luanda, seguidamente rumou à Lisboa onde fez a licenciatura em Direito, que lhe permitiu desempenhar a carreira de advocacia (FERREIRA, 1997a, p. 53). Ambos os autores

construíram poemas com um protótipo negritudista, realçando não só a figura do negro, mas a sua realidade.

A negritude desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento das literaturas na África Lusófona. Entenda-se, aqui, esta terminologia, “África Lusófona”, como uma expressão suavizadora que tende a ostentar cada vez mais o poderio da língua e cultura portuguesa nos territórios africanos¹.

É verídico que “a negritude pode ser vista e analisada em muitas perspetivas, no âmbito político, cultural, filosófico e literário” (MATUMONA, 2011, p. 51). Assim, as ideias aqui resumidas sobre a negritude são, especificamente, de pendor literário, sobretudo na poesia. Paralelamente, a uma prática amiúde da narrativa, a poesia serviu ampla e marcadamente como um postulado social para o crescimento da negritude.

De onde começa a ser postulado o ideal da negritude? Em que período a negritude chega ao espaço das literaturas africanas de expressão portuguesa, particularmente, à literatura angolana? Não é tarefa fácil responder a estas perguntas.

Todavia, o vocábulo negritude apresenta um sentido bastante vasto, muito além do que se pensa. Este vocábulo resulta da composição das palavras negro + itude, com efeito “itude corresponde ao latim *itudo*” (SANTOS, 1975, p. 7).

Muito antes da sublimação da negritude observava-se um interesse em se conhecer a sociedade negra. Pesquisadores como antropólogos, arqueólogos, etnólogos, historiadores, paleontólogos, sociólogos e até linguistas demonstravam interesse em entender e estudar na sua pureza e autenticidade a realidade dos negros africanos, e não só. Muito embora haja muitas proposições que dissipam dúvidas sobre a historicidade da civilização negro-africana.

O contato entre África e Europa que se intensificou no século XV colocou em risco a cultura dos povos negros. A cultura e a língua dos indígenas não foram respeitadas pelos colonizadores. Entretanto, estes tencionavam dizimar toda manifestação cultural do homem negro. Assim sendo, assiste-se a uma autêntica degradação dos costumes dos negros, fossem estes africanos ou não. Revoltado, o negro sente a necessidade de rebuscar os seus ideais culturais que já estavam se

¹ Para um maior esclarecimento sobre a presença dos portugueses no território africano lusófono vide Armelle Enders (1994).

perdendo, fruto da assimilação, procura também exaltar o prestígio da personalidade negra. Foi com esta aspiração, portanto, que se corporizou o ideal da negritude.

Quanto ao seu surgimento “a negritude teve a sua génese fora do continente africano, nasceu na América e surge entre os negros deste continente”, (NEVES, 2002, p. 263), destacando-se entidades como Jean Price-Mars (Haiti) e René Maran² (Martinica). Inicialmente, o ideal da negritude foi formado por membros de profissões liberais, estudantes, eclesiásticos, intelectuais e políticos. No começo, verificava-se uma audiência muito restrita.

Vocábulo de origem francesa, a negritude, funcionou como uma verdadeira ideologia. Depois de seu desenvolvimento em França propagou-se em quase toda a África. Mas é importante perceber que

o contexto histórico do aparecimento da negritude não a possibilitou que se desse a conhecer como um movimento organizado por um grupo perfeitamente identificado, e em pleno uso livre da palavra e da ação (LARANJEIRA, 2000, p. 8).

No território francófono,

a negritude ganha expressão em 1935 com a edição do jornal *L'Étudiant Noir* organizado por Léopold Sédar Senghor (senegalês) e Léon Damas. Mas o termo foi adotado pela primeira vez em 1939 por Aimé Césaire, no seu longo poema *Cahier d'un retour au pays natal* publicado na revista *Volontés*³ (MARGARIDO, 2015, p. 5).

Aludia-se a criação de um movimento cultural e literário exclusivo dos negros. Juntam-se a Césaire outros intelectuais que o ajudaram a reforçar o ideal da negritude.

A publicação do jornal “*L'Étudiant Noir*” foi um marco importante para a eclosão da tese negritudinista. Mas, esta não foi a única publicação com este fim. Outras foram surgindo, ajudando a impulsionar os ideais do movimento da negritude. Nesta ordem, são publicados:

² R. Maran é apontado como o precursor mais direto da negritude (SANTOS, 1968, p. 112).

³ Este poema aparece também na obra de Césaire publicada em 1947, cujo prefácio foi feito pelo surrealista francês André Breton.

- ❖ *Légitime Défense*, publicada em 1932, inspirada nos preceitos marxistas, foi fundada por Étienne Léro. Contou com a colaboração de René Mênil e Jules Monnerot;
- ❖ *Présence Africaine*, publicada em Paris em 1947 por Alionne Diop, o angolano Mário Pinto de Andrade chegou a ser o secretário nos anos 50;
- ❖ *Tropiques*, esta revista nasce sob o impulso de Césaire em abril de 1941. A presente revista, cronologicamente, é a primeira das iniciativas que darão ao movimento da negritude uma envergadura internacional;
- ❖ *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Francaise*, obra também crucial para o ideal da negritude, publicada em 1948, organizada pelo senegalês Léopold Sédar Senghor. Contando com o prefácio de Jean-Paul Sartre intitulado “Orphée Noire”. Neste prefácio, Sartre explica em síntese os objetivos do movimento da negritude, realça a relação com o pensamento e a estética europeia ou, mais precisamente, com a modernidade europeia.

Deste jeito, fixavam-se os propósitos da negritude. Foi Jean-Paul Sartre quem primeiro e melhor teorizou a negritude no prefácio “Orphée Noire”. Só depois Senghor e outros prosseguiram na definição, exposição e defesa da negritude.

Em abril de 1971 organizou-se em Dakar, principal cidade do Senegal, o Colóquio da Negritude. Este colóquio começou no dia 12 de abril com a comunicação de abertura de Léopold Senghor intitulada “Problemática da Negritude” (SANTOS, p. 1975, p. 38-39).

Entende-se “a negritude como o conjunto dos valores da civilização do mundo negro” (LEOPOLD SENGHOR, *apud* SANTOS, 1975, p. 12). Assim entendido pretendia-se com a negritude, inicialmente, elevar a cultura negra, exaltar o indivíduo negro, pois a mentalidade colonial encarava-o como inferior, tratava-o como um objeto sem valor. Diante de humilhações e injustiças nasce uma consciência, a negritude, que, por meio da literatura manifestada, particularmente em poesia, combateu face a dominação e a superioridade do homem branco.

As primeiras teses lançadas para a incursão no plano da ingenuidade científica do negro e a sua singularidade encontra-se em Césaire no poema publicado em 1939 [1956]:

Aqueles que não inventaram nem a pólvora nem a bússola
Aquele que nunca souberam domar o vapor nem a electricidade
Aqueles que nunca exploraram nem os mares nem o céu
Mas aqueles sem os quais a terra não seria a terra [...]

Como movimento não ficou, até então, plenamente elucidado o que é a negritude no seu plano geral. Atenta-se que a falha vem desde a sua origem, e os teóricos franceses ao aceitarem o vocábulo como uma forma sintética de designar o humanismo negro acabavam por deixar tudo no vago, no indeterminado. No entanto, percebe-se que o ideal da negritude se cingia apenas na elevação do homem negro e a sua cultura. Além disso, um outro propósito que a negritude fazia crescer era a construção de uma literatura focada, exclusivamente, no homem negro. Mas, apesar disto, o certo é que a negritude teve um importante prolongamento em África.

Esta ideologia foi desenvolvida desde a África francófona, anglófona, chegando por último a África Lusófona, palco onde germinaram as literaturas africanas de expressão portuguesa⁴.

Não se pode trazer à luz as literaturas africanas de expressão portuguesa sem mencionar aquilo que foi o processo de expansão, pois estas literaturas são frutos do processo colonial português. O processo de expansionismo começa com a tomada de Ceuta em 1415, até estender-se as partes Norte, Austral, Oriental e Central do território africano, sem escamotear os outros pontos onde os portugueses chegaram – Madeira, Açores, América, Ásia e Oceânia⁵. Com o processo da colonização, verifica-se a propagação da língua do colonizador, o Português, em várias partes do território africano, tornando possível que surgisse uma literatura nesta língua.

⁴ Comparando-se com as outras literaturas africanas, a francófona e a anglófona, observa-se que as literaturas africanas de expressão portuguesa são as mais recentes, isto é, ainda não têm muitos anos. Este facto nos leva a ver que ainda há muito o que se investigar nestas literaturas.

⁵ Para perceber de maneira mais abrangente aquilo que foram os antecedentes e as conquistas expansionistas dos portugueses, vide Bethencourt *et alii* (1998).

Quando é que a negritude surge no âmbito nas literaturas africanas de expressão portuguesa? Deve reconhecer-se que *a)* a negritude chegou às literaturas africanas de expressão portuguesa com atraso, e *b)* a fase do neorrealismo nestas literaturas corresponde ao da negritude.

A obra poética *Ilha de nome santo* do são-tomense Francisco José Tenreiro, publicado em 1942, exhibe a dualidade entre negritude e o neorrealismo. De acordo com o contexto histórico da negritude no espaço lusófono, verifica-se que quando aparece o poema de Tenreiro, a negritude ainda não se encontrava bem arraigada neste lugar. “É com a chegada da *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et Malgache* em Portugal” (LARANJEIRA, 2000, p. 15), que vai se verificar um maior florescimento do ideal negritudinista nas literaturas africanas de expressão portuguesa.

A atividade poética na África lusófona já estava bem enraizada, quando os primeiros raios da negritude alcançaram o espaço das literaturas africanas de expressão portuguesa. Este fato permitiu que “em 1953, Francisco José Tenreiro (são tomense) e Mário Pinto de Andrade (angolano) organizassem o *Caderno da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*” (MARGARIDO, 2015, p. 6-7).

Nestas literaturas a negritude não desenvolveu os mesmos paradigmas da literatura africana francófona, já não se observa uma elevação do negro como se verifica em Aimé Césaire, mas a apresentação da realidade penosa do negro. E, observa-se isso particularmente nos poetas da literatura angolana⁶, tais como Neto e Bessa Victor.

É difícil indicar uma época específica em que a negritude surge no circuito literário angolano. Deste modo, constitui-se, ainda, um problema quando se pretende apontar o precursor da negritude nesta literatura e em que ano aparece, neste espaço. Trata-se de um assunto complexo, embora não se pretenda trazê-lo em atenção.

A negritude na literatura angolana parece eclodir nas décadas finais de 40 e princípio dos 50 do século XX, mediante a formação do

⁶ Esta literatura, assim como as outras do espaço lusófono, desenvolveu-se aquando da instalação da prensa na colónia, em 1845, onde quatro anos depois, “em 1849, publica-se a obra *Espontaneidade da minha Alma, às senhoras africanas*, de José da Silva Maia Ferreira. Esta obra “marca o início da literatura angolana em língua portuguesa”, (LARANJEIRA, 1992, p. 19) e (FERREIRA, 1997b, p. 9).

Movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Este movimento foi “criado em 1948, que tinha por lema: Vamos descobrir Angola! Orientado pela iniciativa do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola” (FERREIRA, 1977a, p. 14; ERVEDOSA, 1979, p. 101).

Nota-se a construção de uma angolanidade literária. Todavia, nesta fase já pairava o advento da negritude. Constata-se em alguns autores, tais como Bessa Victor e Agostinho Neto, a ânsia de querer apresentar a realidade do homem negro.

Com a organização desta coligação de novos escritores angolanos publica-se em 1951 a revista “Mensagem”⁷. Desejava-se que esta revista servisse como um veículo da nova temática literária que se desenvolveria na literatura angolana. Portanto, nesta nova arrumação de temas que se desenvolve na revista “Mensagem” verifica-se já a marca da negritude, ideal que já havia se tornado comum nesta época nas literaturas africanas de expressão portuguesa. O escritor angolano que exhibe com maior altivez nos seus poemas a marca negritudinista é Agostinho Neto, por isto é tido como o poeta maior da negritude, apesar de existirem outros que cultivaram também este ideal, o caso de Bessa Victor, Viriato da Cruz, António Jacinto e outros.

Nos poemas destes dois autores, Bessa Victor e Neto, comprova-se de forma clara o desejo que têm em fazer uma literatura focalizada no homem negro. Com este ideal, Neto escreve o poema “Velho negro” (1988, p. 56):

Vendido
e transportado nas galeras
vergastado pelos homens
linchado nas grandes cidades⁸

Sente-se a necessidade de se expor na nova poética angolana a realidade do negro. Os dois poetas em estudo demonstram isto nos seus poemas. Enquanto Neto se refere a um ser negro que parece já adulto, em contrapartida, Bessa Victor (2001, p. 285) expõe minuciosamente a realidade dos meninos negros.

⁷ A revista “Mensagem” teve o seu fim aquando da publicação do segundo número, facto que resultou na desmembração do movimento.

⁸ Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 10.^a ed., 1974, p. 56.

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas — as crianças brancas
que brincavam todas numa roda-viva
de canções festivas, gargalhadas francas... (VICTOR, 2001, p. 285)

Na literatura angolana, a negritude não fugiu da sua nova característica. Deste modo, ela passa a ser entendida como o sentir exteriorizado do negro. Deste modo, revela-se a realidade do homem negro, expõe-se a situação real que ele enfrenta como ser inferior, como ser dominado e excluído. Portanto, é desta maneira, que os dois poetas cantam o sentimento amargo do negro.

O poema “Velho negro” de Neto focaliza-se no ser negro, característica da negritude. Entretanto, não se faz uma referência sobre a origem deste negro que o poeta apresenta no poema. Destarte, trata-se de um negro universal, presente em qualquer parte do mundo.

A inversão das palavras, adjetivo + nome, que se vê no título do poema, permite a atribuição de vários sentidos ao vocábulo “velho”. Tem-se, assim, a imagem de um negro inferiorizado, miserável, desprezado, sem valor. E esta realidade é logo observada na primeira estrofe do poema:

Vendido
E transportado nas galeras
Vergastado pelos homens
Linchado nas grandes cidades
Esbulhado até ao último tostão
Humilhado até ao pó
Sempre sempre vencido (NETO, 1974, p. 56).

As quatro formas verbais presentes nesta estrofe, *vergastado* (castigado), *linchado* (injustiçado), *esbulhado* (saqueado) e *humilhado* (tratado com desprezo) abre um horizonte que faculta a visão para um quadro imagético onde o destaque é o negro (in)justiçado, sem direitos para reivindicar nem se defender. Era: *sempre sempre vencido*⁹.

Não cabia ao negro negar ou ter opções de escolhas, simplesmente cumpria e submetia-se ao que lhe era imposto: “É forçado a obedecer / a Deus e aos homens / perdeu-se” (NETO, 1974, p. 56). O

⁹ *Ibidem*.

negro era retirado da sua terra natal, perdendo de maneira forçada a sua origem. Entretanto, compreende-se, de forma clara, que ele se tornava um indivíduo sem nação, sem essência. E este facto é bem patente na terceira estrofe do poema: *perdeu a pátria / E a noção de ser* (NETO, 1974, p. 56). Era este o destino do homem negro. Um ser discriminado, sempre visto como coitado, como pedinte, como alguém sempre desfavorável:

Ao passar de tanga
com o espírito bem escondido
no silêncio das frases côncavas
murmuram eles:
*pobre negro!*¹⁰

Imbuído do espírito da negritude Neto expôs de maneira vívida no poema “Velho negro” a realidade miserável que o negro vivia. A forma real como este ser era tratado e considerado. Entretanto, a poesia negritudinista de Neto é peculiarmente representativa¹¹. Quer dizer, o poeta apresenta o sentir amargo do negro, exhibe o estado descontente deste ser.

Enquanto Neto apresenta temas relacionados à humilhação do homem negro, mergulhado na melancolia com a sua alma vazia, Bessa Victor traz em atenção temas ligados à segregação racial e social.

Nos poemas “O menino negro não entrou na roda” e “A lua, não!” o negro também é o centro do poema. No primeiro, o poema alude à discriminação racial. Percebe-se a exclusão do negro da roda do homem branco que se considera não só diferente, mas superior ao indivíduo negro. Vê-se a renegação do negro:

O menino negro *não entrou na roda*
das crianças brancas
as crianças brancas
que brincavam todas numa roda-viva¹².

O negro não tinha o direito de ficar na mesma roda com o branco, isto é, de pertencerem ao mesmo círculo ou grupo social. O

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ Para mais informações sobre a poesia representativa, vide Eco (2014).

¹² Geraldo Victor, 2001, p. 285.

convívio entre ambos era inadmissível. Logo, o menino negro sente a sua inferioridade, defronta-se com o seu mísero valor diante do branco. Se estes brincavam numa *roda-viva*, não cabia ao negro fazer parte dela, porque este era tudo menos gente.

Não competia ao menino negro desfrutar das brincadeiras, das danças com os meninos brancos. Era impedido, pois estabelecia-se limites para que ele não compartilhasse do mesmo ciclo social, das mesmas coisas com os meninos brancos.

Nem todos, porém, subjugavam, ou seja, desprezavam os negros. Muitos demonstravam que queriam ter aproximação com os negros, mas as mães impediam que os seus filhos tivessem tratos com os negros:

“Venha cá, pretinho, venha cá brincar”
— disse um dos meninos com seu ar feliz.
A mamã, zelosa, logo fez reparo;
*o menino branco já não quis, não quis*¹³

A mãe referenciada no poema, pelo que convém, pode ser entendida em duas vertentes, no sentido literal e no sentido simbólico. No primeiro caso, a mãe, como progenitora, tem todo o direito de impor ordens ao filho sobre as companhias que deve ter. De forma simbólica, a sociedade é vista como mãe, embora faça isso de forma indireta, também regula preceitos sobre com quem um determinado grupo social deve associar-se, quem deve merecer bons tratos e quem deve ser subjugado. Por isso, observa-se que em muitas sociedades os negros ainda são considerados inferiores, incapazes de tudo.

Indefeso, o menino negro não se consegue impor diante da exclusão não só racial, mas também social. Resta-lhe apenas consentir o que lhe advém, permanece calado diante de todas as situações, conforme o poeta descreve:

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas.
Desolado, absorto,
ficou só, parado com olhar de cego,
*ficou só, calado como voz de morto*¹⁴.

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ Geraldo Victor, 2001, p. 285.

Bessa Victor, diferentemente de Neto, preocupa-se em exprimir nos seus poemas a segregação racial e social.

Além disso, alude as inoportunidades do negro, devido a tez da sua pele. Apresenta a sua incapacidade de ter aspirações de sonhar com grandes realizações, porque era incutido de que as suas proezas são inferiores as do homem branco. Por isso, cabia ao negro ter apenas pequenos anseios.

É esta a realidade que se apresenta no poema “A lua, não!”. O negro deve contentar-se com pequenas coisas e nunca com as grandes. Resta-lhe apenas ter as pequenas oportunidades, pois as grandes estão sempre fora do seu alcance:

Menino negro, não peças a lua,
que está tão longe, no espaço,
com o seu mistério que ninguém descerra!
pede antes a tua
quota-parte de ilusão
cá na Terra,
o teu pedaço
*de pão*¹⁵

Apesar de habitarem no mesmo espaço geográfico, de terem as mesmas características físico-psíquicas, mas o negro parecia estar muito além dos homens brancos, ou seja, era tido como um ser inexistente na constelação dos homens brancos. Em todo caso, era irónico o negro e o branco chamarem-se irmãos. Por isso, o sujeito poético alerta o negro:

Não troques os teus sonhos certíssimos e francos
pela ilusão quimérica
dos que se dizem teus irmãos
*e não são*¹⁶.

Era inconcebível o negro sonhar com grandes feitos, pois nunca os teria ou conseguiria, por isto não adiantava criar meras fantasias, cabia a ele contentar-se apenas com o que tinha e o pouco que a vida o

¹⁵ Geraldo Victor, 2001, p. 292.

¹⁶ *Ibidem*.

daria. Portanto, Bessa Victor termina o poema fazendo uma advertência ao menino negro:

É cá na Terra, meu negro menino,
que teu sonho se firma, ou se afunda, ou flutua,
conforme for o destino.
Menino negro, não queiras a Lua¹⁷!

Em jeito de conclusão, a negritude serviu de panaceia para a recuperação da identidade cultural e para o engrandecimento do negro. Ela foi um movimento que visou restabelecer a humanidade do negro, combatendo a assimilação colonial que visava a dissipação da civilização e cultura destes. Criou as suas raízes fora de África, mas chegou ao continente africano graças ao impulso dos estudantes africanos radicados em França, como Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor, e outros. A ideologia da negritude espalhou-se por quase toda a África, alcançando o limiar da África lusófona. Contudo, a negritude neste território ganhou novos contornos, diferentes daqueles evocados por seus percursores africanos. Enquanto estes atribuem um exíguo prestígio ao negro, na África Lusófona, particularmente, na literatura angolana tem-se a negritude como o sentir da desventura do negro. No entanto, o poema analisado de Neto descreve o menosprezo e o sofrimento do negro, diferentemente de Bessa Victor que retrata de forma viva a discriminação e a segregação, racial e social, que o negro enfrenta perante o homem branco.

De forma geral pode averiguar-se que a negritude na poesia dos dois escritores angolanos serviu como reflexo da condição pesada do negro, denunciando-se um negro inferiorizado, maltratado e colocado à parte, não podendo, portanto, jamais chegar na mesma classe social do homem branco.

Referências

BETHENCOURT, Francisco *et al.* **História da expansão portuguesa**, vol. I, Temas e Debates, Navarra, 1998.

¹⁷ *Ibidem.*

CÉSAIRE, Aimé. **Cahier d'un Retour au pays natal**. Paris: Présence Africaine, 1956 [1939]. p. 71.

ECO, Umberto. **Sobre Literatura**. Milato Relógio D'Água: Milano, 2014.

ENDERS, Armelle. **História da África Lusófona**. Mira-Cintra: Inquérito, 1994.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da Literatura Angolana**. Lisboa, Edições 70, 2. ed., 1979.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977a. Volume I.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Amadora: Instituto da Cultura Portuguesa, 1977b. Volume II.

FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban II**. 4. ed. Lisboa: Plátano Editora, 1997, Volume II.

LARANJEIRA, Pires. **Negritude Africana de Língua Portuguesa: Textos de Apoio**. Coimbra: Angelus Novus, 2000.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste**: identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Porto: Afrontamento, 1992.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1993.

MARGARIDO, Alfredo. **Negritude e Humanismo**. 2. ed. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 2015.

MATUMONA, Muanamosi. **Filosofia Africana**: Na linha do tempo. Lisboa: Esfera do Caos, 2011.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 9. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

NEVES, Fernando dos Santos. Ensaio Histórico sobre o Movimento da Negritude. **Línguas e Culturas**: Revista de Humanidades e Tecnologias, Portugal, n. 6, 7 e 8, dez. 2002.

SANTOS, Eduardo. **A Negritude e a Luta pelas Independências na África Portuguesa**. Lisboa: Editorial Minerva, 1975.

SANTOS, Eduardo. **Ideologias Políticas Africanas**. Lisboa: Centro de Estudos Político-Sociais, 1968.

VICTOR, Geraldo Bessa. **Obra Poética**: Escritores dos Países de Língua Portuguesa. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.

Recebido em: 20/03/2018

Aceito em: 20/06/2018